

meio de *transmitirdes á eternidade* as qualidades que adquiristes, por fruto do vosso labor. Todo ato tem um eco e deixa um vestígio. A técnica dos automatismos está na vossa experiência cotidiana, na aquisição de qualquer habilidade mecânica ou psíquica. A objeção das experiências vividas, isto é, que, pela falta de uso, se perde qualquer hábito, objeção que poderíeis levantar contra a teoria da assimilação por automatismos, carece de valor, porquanto o que se transmite ao subconsciente não é o conhecimento, é a aptidão, que não só permanece, mesmo quando aquele se apague pela falta de uso, como sabe reconstruir o que parece destruído. Daí, todas as diversíssimas capacidades inatas, às quais tanto deve a vida e que, de outro modo, não teriam explicação. Da mesma maneira que a repetição de inúmeros atos de defesa deu ao animal o instinto da defesa, também o proceder moral confere ao homem aptidões morais, lhe desenvolve o pensamento e enriquece a inteligência. Tendes assim um meio de continuamente *retificardes* a substância da vossa personalidade, que vós mesmos podeis plasmar no bem ou no mal. Assim, o vosso destino, resultante das qualidades que assimilastes, constituído e circundado pelas forças que pusestes em ação, pode sempre sofrer retoques, das vossas próprias mãos. Assim, o ferreo determinismo, que lhe foi imposto pela lei de causalidade, se abre, na zona das formações estendidas para o futuro, num campo onde só domina o vosso livre arbítrio, senhor de escolher e que, depois, salvo ulteriores correções, vos prenderá, a seu turno, pela mesma lei de causalidade.

#### LXVI — Rumo ás supremas ascensões biológicas.

Eis aí a técnica do desenvolvimento do psiquismo, a culminar na genese do espirito. Investigando o subconsciente encontrareis nele todo o vosso passado, a ressurgir nos instintos, nas tendências, nas simpatias e antipatias. Quem vos pode haver construído plenos de gratuitos conhecimentos instintivos, senão o "vosso" passado? E como poderia o germen da vida te-los em si e, depois, em dado momento, desenvolve-los precientes e proporcionados ao ambiente, senão por efeito de uma *restituição*, isto é, se a esse processo de descentração cinética não precedesse, por lei de equilíbrio, um correspondente e proporcional processo de concentração cinética das qualidades adquiridas através de vidas e experiências? Haverá no universo algum fenómeno que vos autorize a crer possível coisa diversa desta, que vos autorize a renegar a lei de causalidade, de proporção, de equilíbrio, de justiça? Olhai para vós mesmos e deparareis com um abismo. Ha em vós zonas mais profundas, as dos instintos mais estaveis, onde se agitam os impulsos fundamentais da vida, qual ela se definiu em suas fases

mais distantes. Sobrevivências obscuras, abismais, de uma primordial vida protoplasmica, a se agitarem agora nas fibras intimas do vosso organismo; instintos, quais os de conservação, defesa, reprodução, a explodirem de quando em quando, improvisamente, de uma zona de misterio, que desconheceis, na vossa consciência, pela maturação de um ciclo, que é lei e vontade autonoma, a progredir sem que o soubesseis ou quisesseis (por exemplo: instinto de amor, a fazer explosão na juventude). Pois que tudo o que existe traz, antes de nascer, escrita em si a sua lei, todo fenómeno está completo em seu principio, antes da sua manifestação. Ha zonas de trevas que vos infundem terror, que não queríeis divisar, mas que vos atraem e ás quais interrogais em vão. E' o vosso passado.

Para tudo, porém, ha sempre remédio. No superconsciente ha luz para todos. A febre da evolução, a insaciabilidade da vossa alma são forças irresistíveis e universais, que vos impelem sempre para mais alto. A lei do progresso quer a continua dilatação do psiquismo. A evolução é lançada irresistivelmente para o superconsciente, dirige-se para o supersensível. Lembrai-vos de que a vossa consciência mais não é do que a dimensão da vossa fase de evolução  $\alpha$  e que o vosso inexoravel caminhar, deslocando-vos de fase em fase, vos leva, de dimensão em dimensão, para o superconsciente intuitivo sintético, de que já falámos. Nas fases inferiores que percorrestes, de  $\gamma$  a  $\beta$ ; o ser existe *normalmente* sem consciência, qualidade aí desconhecida, como desconhecida vos é a dimensão do superconsciente. O estado de consciência é fenómeno em continua elaboração construtiva, ou destrutiva, conforme o trabalho, que livremente executais, é de construção ou destruição, na senda da evolução que, em o vosso nível  $\alpha$ , é progresso moral e psíquico. Quem se faz ocioso pára, quem pratica o mal desce e destroe o proprio eu, apaga a luz da sua compreensão. Quem obra o bem ascende e se dilata a si mesmo, cria a própria riqueza de concepção e potencia dalma. Punição e premio automaticos e inexoraveis. Assim, a dor, pelas reacções de espirito que provoca, é agente de ascensão para fases e dimensões superiores.

Passarão as fôrmas materiais da vida; passarão povos, civilizações, humanidades e planetas; mas, um herdeiro recolherá o produto de tanto trabalho não inutil: a alma. O eterno e nunca saciado mudar das coisas dará um resultado que não ficará perdido. Pois que continuamente avança o campo dominado no ambito do conciente, progressivamente se desloca o limite do sensorio: o superhumano se torna humano, conciente o superconsciente, concebível o inconcebível. A consciência conquista então uma dimensão nova e o meio material se apura e sutaliza, até chegar á sua desmaterialização, até que o principio espiritual se destaque dele e avance para outro extremo, levando consigo o suco distilado de todo o passado vivido, na sua construção completa.



Notai que, já na fase em que vos achais, se inicia esse processo de separação e desmaterialização. Na exteriorização dos meios da vida, o animal permanece *ligado ao utensílio*, que se conserva parte inseparável do seu organismo. A história natural do homem não é mais do que a repetição do mesmo processo de *projeção de órgãos*, porém, num nível mais elevado. Por isso, as formas, os sistemas, as percepções se assemelham, mas com uma diferença substancial: *no homem se efetua a separação entre o organismo e o utensílio*. Como o orgânico, também o utensílio mecânico é expressão da mesma vontade íntima de ação; contudo, no animal, o meio se acha organicamente fundido no corpo, ao passo que no homem o meio já não é parte integrante dele e dele se destaca. O homem constroeu para si um só utensílio, que ele pode fabricar de todo gênero: a mão guiada pela inteligência.

A' medida que o centro psíquico se engrandece, seus meios de expressão se transformam, multiplicam e afinam; os órgãos se tornam meios de expressão de vida psíquica e as funções físicas inferiores são deixadas aos utensílios mecânicos. Os órgãos animais, deixados sem uso, tendem a atrofiar-se; a indústria os cria continuamente e por ela continuará a desenvolver-se a evolução do utensílio orgânico, expressão cada vez mais complexa de um mais complexo psiquismo. O mesmo desejo intenso que criou o órgão encontra agora múltiplas formas de manifestação, proporcionadas à nova potência do psiquismo motor. A função desenvolve as qualidades e os órgãos cerebrais; manifesta-se no homem, de preferência, a evolução psíquica, como continuação da evolução orgânica, que passa a segundo plano, suplantada pelos produtos da inteligência. O homem se afasta assim, cada vez mais, da forma animal, numa contínua *desmaterialização de funções*, que conduz a uma progressiva *desmaterialização de órgãos*. A vida do homem se concentra cada vez mais na função psíquica diretora, que ele assume como sua nova natureza e especialização.

Essa a íntima e maravilhosa técnica com que a evolução opera a transformação da matéria na fase vida. Quando atentardes na sua íntima estrutura cinética, não mais absurdas vos parecerão essas transmutações. Já os motos vorticosos não transformaram a estrutura atômica num sistema mais sensível e suscetível de infinitas modelações. A maleabilidade do material protoplasmico permite um inexaurível e profundo transformismo e lhe dá a possibilidade de plasmar-se nas mais variadas formas de tecidos e de órgãos.

Num sistema assim sensível, o desejo intenso, uma decidida vontade provinda do interior *são fatores psíquicos dotados de força criadora*. Considerai os fenômenos a que dão lugar as impressões maternas e o poder ideoplástico que têm sobre o feto as funções psíquicas da genitora. A forma cedo ou tarde acaba por obedecer ao impulso íntimo e por exprimi-lo. Tal a técnica evolutiva do fe-

nômeno da construção de órgãos por projeção ideoplástica. Da zona do latente, imersa na treva fora da consciência, emerge, sacudido pelo choque das forças ambientes, impellido pela lei de evolução, o germen de uma necessidade nova que no centro psíquico assume a forma de desejo, isto é, de *força-tendência*, dirigida para a realização. Do desejo brotam a tentativa, a ação orientada para a realização.

Entremos na fase do conciente, isto é, do labor, da atividade, da conquista. Desponta a realização e dela se forma e reforça a função que, por sua vez, define cada vez mais o órgão e este, por uma série de contínuos ensaios, equilíbrios e composições, se proporciona às resistências ambientes, bem como ao ímpeto interior, entre os quais é ele o traço de união. A progressiva atividade funcional plasma para si o instrumento orgânico, como a sua cada vez mais aderente expressão. A definitiva constituição do órgão estabiliza a função e estabelece uma série de experiências, de cuja constante repetição nascem aqueles automatismos que vimos a assinalar a fase da assimilação completa e de dilatação do psiquismo do ser. Automatismo significa qualidade adquirida, nova capacidade implantada em a natureza do indivíduo, novo instinto, nova sapiência. Está completa a evolução. O resultado se deposita, definitivamente assimilado, como nova camada, em torno do precedente núcleo de psiquismo, e é deixado fora da zona de labor, que é a zona da consciência.

Assim avança a evolução e o ultraconciente é conquistado, passando através da fase consciência e, depois, à assimilação completa na subconsciência. Por evolução, dá-se *um contínuo deslocamento da zona do conciente, que passa do subconciente para o superconciente*. Desse modo, a zona móvel, a do trabalho sobre, no seu progressivo avanço, uma zona cada vez mais vasta de subconsciência, a zona das aquisições definitivas, do armazenamento do indestrutível na eternidade. Mediante o contínuo esforço psíquico da vida, produz-se um contínuo aumento do núcleo do subconciente, no sentido da assimilação do superconciente, por um processo de crescimento, hereditariedade e reconcentração cinética na fase de germen, que encontrais na vida das formas orgânicas. Assim, também, o campo do labor se eleva cada vez mais, ao mesmo tempo que se torna mais vasto, mais rico e potente.

Paralelamente, a matéria, que é a expressão de tudo isso, sofre mutações profundas. Vimos que o trem eletrônico da onda dinâmica degradada começa por investir as unidades atômicas de mais simples estrutura planetária. (*No círculo da vida são imitados de preferência os corpos simples de baixo peso atômico*). Ora, esse fenômeno não é senão o início do processo da *desmaterialização da matéria*. Quando o novo turbilhão vital houver investido a matéria toda, até aos pesos atômicos máximos, isto é, quando o trem eltro-



de desmaterialização do espírito

nico houver transformado os motos planetarios atomicos em motos vorticosos, até ás mais complexas fórmulas planetarias, deslocando e reconstruindo, em mais completos equilibrios, todas as orbitas, até á dos 92 electrons de U, então  $\alpha$ , o psiquismo, terá penetrado e invadido toda a materia e esta se *desmaterializará*, isto é, deixará de existir como materia. A energia, sua filha, a terá arrastado para diante, a uma superior fase evolutiva e todo o movimento da Substancia prosseguirá, sob fórmula imaterial, sem que nela coisa alguma seja criada ou destruida. Apenas uma unica transmutação intima se terá operado, levando a Substancia a um novo modo de ser, supermaterial e superdinamico, superespacial e supertemporal, no limiar de novas dimensões.

Assim, a evolução volve atraz e eleva consigo os instrumentos do seu labor. Assim, ela desmaterializa a materia, através do fenomeno da vida, até ao espirito. O principio dinamico se veste de fórmulas cada vez menos densas. A evolução as apura, sensibiliza, desmaterializa. Destacam-se os órgãos, os utensilios da vida, sutiliza-se o organismo. De tudo, resta o profundo, imenso labor da vida, um potente psiquismo central, a dirigir um mundo dominado e obediente, projetado para as superiores fases de consciencia, ainda para vós ocultas no inconcebível.

Chega desse modo a evolução aos mais altos niveis do vosso universo e agora lhe podeis compreender todo o significado. No seu mais profundo conceito, evolução é a liberação do principio cinetico da substancia. Dá-se isso mediante um profundo respiro, em que se invertem e apoiam, alternativamente, para ascenderem, as duas fases de concentração cinetica das experiencias da vida no germen e de desconcentração cinetica do germen na vida. Por essa razão, a evolução se exprime por um continuo superar de limites, como observais no progredir das dimensões.

Por evolução, o sêr se subtrai cada vez mais aos limites do *determinismo fisico*, que no nivel da materia é geometrico, inflexível e por toda parte identico. A vida começa a libertar-se das constringões desse absolutismo; seu crescente psiquismo é uma nova causa que se sobrepõe á estabelecida pelas leis fisicas. O animal já adquire uma liberdade de ação que o mundo fisico desconhece. Chega-se dessa maneira ao reino humano do espirito e ultrapassa-se esse reino, onde o *livre arbitrio* se afirma definitivamente.

*A lei do baixo mundo da materia é determinismo; a do espirito é liberdade; por evolução, opéra-se a passagem do determinismo ao livre arbitrio.*

Este é a expressão de uma latitude maior na possibilidade de movimento, determinada por uma gradual reabsorção do determinismo, correspondente a uma progressiva manifestação do principio cinetico. Materia, energia, vida, espirito são apenas a expressão

de uma mutação desse movimento, de fórmula sempre mais evidente e mais livre, segundo uma lei mais complexa, sob a qual possível é fazerem-se e desfazerem-se equilibrios de mais em mais instaveis, em combinações mais frageis e renovaveis, num crescente dinamismo, em que desaparece a estase do determinismo. E' um progressivo libertar-se dos limites de sistemas cineticos fechados, é uma dilatação de possibilidades de combinações e de escolha. A continua renovação permite conseguir-se o equilibrio para um numero cada vez maior de sendas.

Podeis agora compreender que o homem, movendo-se da materia para o espirito em seu caminhar evolutivo, traz em si os dois extremos: do determinismo e do livre arbitrio. Podeis agora explicar-vos o incompreensível conubio e resolver filosofica e cientificamente uma questão que sempre vos pareceu encerrar um antagonismo insolúvel. Para compreenderdes esses dois termos, preciso é que não os oponhais um ao outro, conforme constantemente haveis feito, quais se fossem dois casos extremos, imoveis e absolutos; antes, necessario se faz coordena-los no relativo em que se movem, como duas fases sucessivas, dois pontos de uma escala, e conjuga-los ao conceito de evolução.

O homem é determinismo como materia e essa é a sua lei, enquanto ele se move no campo de absoluta e ferrea necessidade. Mas, quando o homem age como espirito, ele se sente e é, nesse campo, perfeitamente livre. Pois que no mundo psiquico desaparecem as leis fisicas, tambem desaparece a lei que lhes rege o determinismo. Assim, o homem só é livre no campo das motivações, no seu espirito, onde ele domina e supera tudo; ele é a unica potencia capaz de emergir livre, num mundo de fatalidades. *Não é, porém, igualmente livre no campo das atuações*, porque aí o seu caminho é sempre atravessado pelo determinismo fisico inviolavel, do qual mais ou menos se ressentem todos os atos e que ele não pode torcer, mas pode, secundando-o, conduzir aos seus fins.

Seguindo o nosso racional caminho, as sendas da biologia se abrem nas da etica. *Responsabilidade só ha onde ha liberdade*. A liberação do principio cinetico, que se tornára evolução de liberdade, muda-se em progressão de responsabilidade, *responsabilidade relativa*, em conexão estreita com o gráu de evolução e, portanto, com o nivel psiquico e o poder de conhecimento do individuo. Assim é que o animal não peca; movendo-se dentro de um jogo mecanico de instintos coordenados por um exato determinismo, ele não pode e não sabe abusar, como faz o homem. Liberdade, escolha, responsabilidade só se têm na fase superior da consciencia e das formações, não na fase instinto, onde os equilibrios se estabilizaram no determinismo. O livre arbitrio, novo equilibrio, mais agil e instavel, presume, para se regular, a direção de uma consciencia superior, não necessaria ao animal, indispensavel ao homem.

de desmaterialização do espírito

evolução e a liberação do principio cinetico da substancia



Nenhum perigo ha maior do que uma liberdade sem guia, porque pode cair em todos os abusos que de outro modo seriam impossiveis. Em baixo, está o determinismo e as consciencias mais presas á materia são menos livres do que aquelas que, por terem evolvido, se emanciparam das suas leis fatais. E' justo que somente a uma sabedoria maior corresponda maior liberdade e a esta maior responsabilidade (e gravidade de perigos e de consequencias). De tal sorte, o livre arbitrio é relativo, gradual e evolve com a consciencia e tambem relativa e progressiva é a responsabilidade das proprias ações. *Na materia está a escravidão; no espirito as sendas da liberação.*

### LXVII — A prece do viandante.

Pára, oh! alma, que abatida te encontras á orla da estrada, detem-te um instante no eterno caminho da vida, depõe o fardo das tuas expiações e repousa.

Vê como é cheia de harmonia a obra de Deus! Suave e grandiosa musica emana do ritmo dos fenomenos. Através das formas exteriores, os dois misterios, o da alma e o das coisas, se observam e sentem um ao outro. Da sua profundez a teu espirito ausculta e compreende. Da visão das obras de Deus resultam a paz e o olvido. Diante da divina beleza do criado, aplaca-se a tempestade do coração. Paixão e dor adormecem num cantico sem fim, lento e dulguoso. Dir-se-ia que a mão de Deus, através das harmonias do universo, faz perpassar sobre a tua fronte prostrada de cansaço uma como reconfortante brisa e te ampara com uma caricia. Beleza, repouso d'alma, contacto com o divino! Então, o viandante exaustado se reanima por um renovado pressentimento da sua méta. Deixa de ser longo o caminhar e menos distante se torna o ponto a atingir, quando por um instante o viajor pára e se abebera na fonte. Aí, a alma contempla, por antecipação, e de novo se ergue. Com o olhar dirigido para o Alto, mais facil se lhe faz o prosseguir na fadigosa jornada.

Pára, na tua via dolorosa; enxuga a tua lagrima e escuta. E' imenso o cantico, baixam do infinito as harmonias, a beijar-te a fronte, oh! extenuado caminheiro da vida. A par do som das vozes titanicas do universo, sussurram, num rendilhado de belezas, as brandas vozes das humildes criaturas irmãs. "Tambem eu, tambem eu", clama cada uma delas, "sou filha de Deus e luto e soffro, trazendo a minha cruz e me aproximo da vitoria; tambem eu sou vida, na grande vida do Todo". E tudo, do fragor da tempestade ao canto matutino do Sol, do sorriso do recém-nato ao grito dilacerante da alma, tudo de si fala, na voz que lhe é propria, em harmonia com as vozes irmãs; tudo exprime o seu misterio intimo; cada sêr exterioriza o pensamento de Deus. Quando a

dor morde as mais delicadas fibras do teu coração, ouves uma voz que te diz: *Deus*. Quando a caricia do crepusculo te adormenta do sono calmo de todas as coisas, diz-te uma voz: *Deus*. E a estupenda visão supéra toda dor.

Pára, escuta e ora. Estende os braços para o criado e com ele repete: "Deus, amo-te". A tua prece, não mais desanimada admiração do poder divino, é agora mais elevada: é amor. E' a prece melodiosa, a evolvar-se como um cantico que a alma repete e que ecoa de vale em vale pela terra inteira, de onda em onda pelos mares, de estrela em estrela pelos espaços infindos. E' a sublime palavra de amor, que as colossais unidades do universo redizem, em unissono com a sumida voz do ultimo inseto, que timido se esconde na erva. Sumida parece, mas, no entanto, a ela tambem Deus conhece, recolhe e ama. No infinito do espaço e do tempo, essa a força unica, imensa onda de amor, que tudo mantem conjugado, num harmonioso desenvolvimento de forças. A visão suprema das coisas ultimas, da ordem em que avangam todas as criaturas, só ela dará um sentimento de paz, de paz verdadeira, de paz profunda, de alma saciada, porque vê a sua mais alta méta.

Assim, ainda maior se te apresenta Deus, do que no seu poder de Criador; apresenta-se-te na potencialidade do seu amor. Expande-te, alma; não temas. E' *bondade* o novo Deus da boa nova do Cristo. Não mais os vingadores raios de Jupiter e sim a verdade que convence, a caricia que ama e perdoa. O abismo infinito que desalentado contemplas, ali não está para tragar-te na treva do misterio; ele se enche de luz e das suas profundezas emerge, sem fim, o hino da vida. Lança-te com confiança, porque esse abismo é amor. Não digas: ignoro; dize: amo.

Ora, ora, em presença das ilimitadas obras de Deus; diante da terra, do mar, do céu. Pede-lhes que te falem de Deus; pede aos efeitos a voz da causa; pede ás formas o pensamento e o principio que as anima todas. E todas as formas se te aglomerarão em torno, te estenderão fraternos os seus braços; olhar-te-ão com mil olhos feitos de luz, e o eterno porvir da vida te envolverá qual caricia. E as mil vozes te dirão: "Vem, irmão, sacia o teu olhar interior, ganha forças na visão sublimada. E' grande e bela a vida e sempre digna de ser vivida, mesmo na dor mais atroz e tenaz". E te tomarão das mãos bradando: "Vem, transpõe o limiar e encara o misterio. Vê: não podes morrer; morrer, nunca, nunca. A tua dor passará e, por virtude dela, subirá e o resultado permanecerá. Não temas a morte nem a dor. Elas não são nem um fim, nem um mal: são o ritmo da renovação e o caminho das tuas ascensões. A vida é um cantico intermino. Canta conosco, canta, com a criação toda, o infinito cantico do amor".

Ora, assim, oh! alma fatigada: "Senhor, bendito sejas, sobretudo pela dor irmã, que de ti me aproxima. Prostro-me